

A Diferença que Fez a Diferença: o Uso Incomum da Equipe Reflexiva de Tom Andersen

Ana Carolina Barra Vidal¹

Resumo

Este estudo objetivou analisar o uso da Equipe Reflexiva de Tom Andersen em um caso de uma jovem adulta que está em psicoterapia individual na Instituição DOMUS. Além de analisar o uso e os efeitos desta técnica de terapia familiar em um contexto de terapia individual, também apresentamos uma comparação do grupo de supervisão de atendimento individual com a Equipe Reflexiva de Tom Andersen. Através deste relato de experiência, evidenciamos que é possível adaptar os métodos sistêmicos em contextos diversos do usual.

Palavras-chave: *terapia individual sistêmica; equipe reflexiva; grupo de supervisão.*

The Difference That Made the Difference: the Uncommon Use of the Reflecting Team of Tom Andersen

Abstract

This paper sought to analyze Tom Andersen's Reflecting Team as used in the individual therapy of a young woman treated at DOMUS. Besides analyzing the effect of a technique from Familiar Therapy used in an individual therapy context, we compared the Supervision Group in Individual Therapy to Tom Andersen's Reflecting Team. In this paper, we support that it is possible to adapt systemic techniques to other unusual contexts.

Keywords: *Systemic individual therapy; reflecting team; supervision group.*

¹Psicóloga e Formanda do Curso de Formação em Terapia de Casal e Família do Centro de Terapia de Casal e Família - DOMUS.

Nira Lopes Acquaviva - Psicóloga, Orientadora do trabalho de conclusão do Curso de Formação de Terapia de Família do DOMUS. Especialista em Psicologia Clínica pelo CFP, Psicoterapeuta Individual, de Casal e Família, Docente, Supervisora, Coordenadora do DOMUS.

Introdução

De acordo com Alda (1995), um novo paradigma no âmbito da psicologia surgiu em meados dos anos 50: a terapia sistêmica. Esta abordagem proporcionou um salto qualitativo no desenvolvimento da psicologia. O propósito da Terapia Familiar foi ir além da compreensão intrapsíquica, focando sua atenção nas diversas combinações de relacionamentos existentes em um sistema familiar.

No presente trabalho, objetivamos analisar o uso da equipe reflexiva de Tom Andersen (1996) em um contexto de psicoterapia individual. Aplicamos esta técnica no caso de uma jovem adulta que está em psicoterapia individual no Centro de Terapia de Família e Casal – DOMUS. A análise da técnica foi efetuada em três etapas. A primeira etapa refere-se à possibilidade de utilizarmos os recursos sistêmicos em um caso de psicoterapia individual. A segunda etapa diz respeito ao uso de técnicas próprias da terapia familiar sistêmica adaptadas a um contexto de psicoterapia individual e a última etapa discute a eficácia do grupo de supervisão individual comparada à equipe reflexiva de Tom Andersen.

Este estudo foi composto por uma revisão teórica baseada na abordagem sistêmica familiar e individual. Alguns dos autores citados foram: Tom Andersen, Jay Haley, Grupo de Milão, Salvador Minuchin, Marilene Grandesso, Gunthard Weber e Fritz B. Simon, entre outros. Os temas escolhidos para sustentar teoricamente o artigo foram: terapia individual sistêmica, terapia familiar sistêmica, equipe reflexiva e grupo de supervisão de atendimento individual.

História de vida e história clínica

O caso clínico relatado é o de uma jovem adulta de 29 anos de idade que está em psicoterapia individual há dois anos e seis meses no DOMUS. A jovem buscou ajuda profissional por ter dificuldade de se desligar do ex-namorado, por sentir baixa auto-estima, por sentir solidão e por não se comunicar com seu pai há um ano.

Com relação aos aspectos éticos, a paciente autorizou o uso de seus dados para a realização deste estudo. A paciente pensou em um nome fictício para ser utilizado no trabalho e pediu para ser chamada de Sofia. Os demais membros da família e outras pessoas da rede social de Sofia também tiveram os nomes alterados.

Sofia nasceu em junho de 1976, no interior do Rio Grande do Sul. Ela é a caçula dos sete filhos de José e de Joana. Os pais de Sofia casaram-se

quando José tinha 17 anos e Joana tinha 13 anos de idade. Sofia tem quatro irmãs e dois irmãos.

Quando Sofia nasceu, a primogênita da família estava casada. Sofia é 20 anos mais jovem que Sueli. Quando moça, Sueli engravidou e nasceu Eduardo. O menino nunca conheceu o pai. A gravidez de Sueli provocou muitas desavenças na família, ocasionando sua saída de casa. José e Joana se posicionaram contra a gestação da filha. Sueli seguiu a doutrina da religião evangélica e se casou com Mário. Otávio e Leonardo são frutos desta relação.

Chamaremos de Sandra a segunda irmã de Sofia. Ela tem 46 anos de idade e está divorciada de Sérgio. Sandra e Sérgio tiveram apenas uma filha, chamada Aline. Hoje, Aline está casada e tem uma filha de nove anos de idade. Sandra se casou pela segunda vez com João, ele é de raça negra. O casal teve dois filhos, Guilherme e Vinícius. Depois que saiu de casa, Sandra entrou em contato com sua família poucas vezes.

Marcos é o terceiro filho de José e de Joana. Marcos tem 44 anos de idade e está divorciado de Eva. O matrimônio durou 16 anos e eles tiveram duas filhas, Marcela de 16 anos e Marina de 5 anos de idade. Marcos vive no litoral do RS, e é dono de um pequeno estabelecimento comercial. Marcos era o filho mais próximo de José, freqüentemente telefonava e visitava o pai. Também era o irmão mais próximo de Sofia.

O quarto irmão de Sofia, Ronaldo, tem 41 anos de idade. Foi usuário de drogas na adolescência. Fez uso de maconha e cocaína. No início da idade adulta, viveu alguns anos nos fundos do terreno da casa de seu pai. Foi amante de Sinara e viveu com ela três meses. Após este período, Sinara voltou para a casa em que vivia junto a seu esposo. Com a partida de Sinara, Ronaldo passou a consumir drogas de uma forma desenfreada. José tomou conhecimento da situação em que o filho se encontrava e o expulsou de casa. Mais tarde, Ronaldo casou com outra mulher e teve uma filha com retardo mental que hoje tem cinco anos de idade.

Flávia, a quinta filha, tem 39 anos de idade. Flávia e Miguel estão casados e tiveram uma menina que se chama Bianca. Bianca tem quatro anos de idade e é afilhada de Sofia. Miguel é 20 anos mais velho que Flávia. Antes de se unir a Flávia, Miguel foi casado e teve dois filhos, Julia de 27 anos e Fernando de 22 anos de idade.

O nome da sexta filha é Márcia. Ela tem retardo mental moderado e está com 36 anos de idade. Freqüenta a APAE desde menina.

Dos sete filhos de José e de Joana, cinco se divorciaram. Marcos e Sofia se separaram dos primeiros cônjuges e não casaram novamente. Flávia casou apenas uma vez e Márcia ainda não se casou.

Aos sete anos de idade, Sofia perdeu a mãe. Joana faleceu de câncer. Desde cedo, Sofia assumiu responsabilidades domésticas que não condiziam com uma menina de sete anos de idade. Ela limpava e organizava os quartos, varria a casa, lavava os banheiros, cuidava de Márcia e era a companheira de seu pai.

Nesta época, as duas primeiras filhas já haviam saído de casa. Marcos e Ronaldo eram poupados dos afazeres domésticos. A comida era responsabilidade de José. Segundo Sofia, a comida feita por seu pai era ruim, mas nunca se atreveu a emitir qualquer tipo de comentário. José trabalhava o dia todo e Sofia só podia brincar quando o pai retornava do trabalho no final do dia.

Por volta dos 13 anos, Sofia gostava de ir às festas e de estar reunida com suas amigas. Ela tinha que driblar as proibições de seu pai quanto às festas e os fuxicos de Márcia com relação as suas amigas para poder se divertir.

Em torno dos 16 anos de idade, Sofia estudava e trabalhava como secretária. O pai de Sofia casou novamente quando ela tinha 19 anos de idade, com Alba. Por esta razão, Sofia saiu de casa, antes do casamento de seu pai, e foi viver com Marcos em Imbé. Sofia preferiu sair de casa ao ter que se relacionar com sua madrasta. Segundo Sofia, Alba visitava José quando Sofia não se encontrava em casa.

Nesta época, Marcos e Eva estavam casados. Marcos vivia no litoral e Eva estudava e vivia em Porto Alegre. Sofia morava em um apartamento e Marcos em outra casa, mas trabalhavam juntos no mesmo estabelecimento. Dois anos mais tarde, Sofia conheceu Pedro, ela tinha 21 anos de idade. Eles namoraram durante três meses e foram viver juntos em Porto Alegre.

Sofia é 11 anos mais jovem que Pedro. Quando casou pela primeira vez, Pedro tinha 17 anos e sua esposa tinha 15 anos de idade. Deste casamento nasceu uma criança. Pedro tem mais dois filhos de outros dois relacionamentos. Tomou conhecimento do caçula quando estava com sete anos de idade.

A união de Sofia e de Pedro durou por volta de um ano. Enquanto viveu com Sofia, Pedro teve um caso extraconjugal com a filha de seu chefe. Quando Sofia soube da infidelidade, decidiu se separar. Mesmo separados Sofia e Pedro tiveram que permanecer vivendo juntos por mais três meses, devido à dificuldade financeira de Sofia que a impedia de ir para outro lugar. Após algum tempo de separação, Pedro casou com a filha de seu chefe e teve um filho com ela.

Quando Sofia encontrou um lugar para morar, José se negou a ser o fiador do apartamento. O pai de Sofia disse a ela que não gostava de assinar

documentos para ninguém. Para justificar a sua decisão, José contou para Sofia uma experiência negativa que ocorreu na família de Alba. Um membro da família de Alba foi fiador de outro parente e se prejudicou por ter tido que pagar alguns meses atrasados de aluguel. Apesar da dificuldade que Sofia enfrentou, ela conseguiu um fiador e se mudou.

Em março de 2003, Sofia buscou ajuda profissional no DOMUS. A primeira sessão de psicoterapia individual foi em 6 de maio de 2003. Nesta época, Sofia estava separada de Pedro há quatro anos, todavia sentia-se muito ligada a ele. Durante o tempo em que estava separada, se relacionou com alguns rapazes, mas não conseguia se interessar por ninguém. Neste período, cursava a faculdade de Nutrição e trabalhava com vendas.

Desde 2002, Sofia e seu pai, José, não se falam. José está no momento com câncer de fígado. Na primeira sessão de psicoterapia, ela contou que havia pedido para seu pai assinar um documento, referente a uma bolsa de estudos por invalidez dos pais ou doença crônica, que a isentaria das mensalidades do curso de Nutrição. O pai de Sofia ficou muito bravo com o pedido. Interpretou que Sofia estava desejando sua morte. Muito emocionada, ela verbalizou: “Um dia, fui a preferida do pai”. Mesmo sem se falarem, Sofia visitou o pai algumas vezes e foi muito maltratada. Sofia verbalizou: “Quando me via, parecia estar vendo a morte na frente dele”. Algum tempo depois, Sofia tomou a decisão de não procurar mais seu pai e ele manteve a postura de não procurá-la.

Quando Sofia falava de sua família nas sessões de psicoterapia, ela se emocionava bastante, especialmente quando falava de sua mãe. Em um dos primeiros encontros de psicoterapia, Sofia verbalizou a seguinte frase: “Parece que tenho 40 anos, de tanta coisa que eu já vivi”.

Sofia, atualmente, gosta de sair à noite para se divertir com as amigas e de namorar. Ela sente um desejo intenso de casar e de constituir uma família. Em 2004, Sofia esteve mais presente nas danceterias do que este ano de 2005. Em algumas sessões de psicoterapia do ano passado e do presente ano, Sofia verbalizou acreditar ter algum tipo de defeito ou problema aparente. Este a impediria de encontrar alguém e de ter um relacionamento amoroso estável. Apesar de não falar com seu pai, Sofia nunca deixou de ir para Santo Antônio da Patrulha para visitar seus amigos.

Neste ano, Sofia demonstrou ter estado mais voltada para seu emprego e para a faculdade de Nutrição. Também comentou estar sem tempo para se divertir e conhecer alguém. Há um ano e meio atrás, Sofia foi demitida do local onde trabalhava. Neste mesmo período, Sofia se mudou para um apartamento mais amplo e conseguiu uma bolsa de estudos na faculdade que lhe proporcionou cursar mais disciplinas que antes.

Hoje, Sofia trabalha em outra empresa. Permanece cursando a faculdade de Nutrição e morando sozinha. Em outubro deste ano, algumas novidades movimentaram a vida de Sofia. Ela está saindo com um rapaz que demonstra estar interessado por ela. A outra novidade é que seu pai esteve muito doente no mês de outubro. Ao saber da notícia através de Flávia, Sofia foi visitá-lo. Segundo ela, José a tratou bem, sem tanta indiferença como há alguns anos atrás. Em novembro do presente ano, José faleceu em um hospital aqui em Porto Alegre. Sofia cuidou de tudo, desde o atestado de óbito até o enterro propriamente dito. Nenhum irmão de Sofia se ofereceu para ajudá-la. Alba, a segunda esposa de José não conseguiu ir ao enterro. Márcia irá viver com Alba. Sueli e Flávia brigaram com Sofia por causa da herança. Sandra não foi comunicada da morte de seu pai, porque está desaparecida. De acordo com Sofia, Marcos foi o único irmão que se mostrou solidário à sua dor.

Relato de experiência

Grupo de supervisão de atendimento individual

No dia 31 de março de 2004, em um dos encontros com o grupo de supervisão de caso de atendimento individual, relatamos o caso de Sofia. O grupo de supervisão acontece semanalmente, com uma hora de duração e é dirigido por uma das coordenadoras do Centro de Terapia de Casal e Família - DOMUS. Este grupo era composto pela supervisora e por quatro supervisionadas que relatavam suas experiências clínicas e o uso de seus sentimentos. Depois dos relatos, todas emitiam opiniões a respeito do caso, oferecendo sugestões.

Levamos o caso para discussão, destacando que Sofia ainda estava muito ligada a seu ex-namorado, Pedro. Mesmo casado com a filha do chefe, Pedro telefonava para Sofia e dizia sentir sua falta. Sofia verbalizava sentir desejo de ver Pedro sempre que ele a procurava e descreveu sentir calafrios quando lia seu nome no visor do celular. Ela se importava com ele. Em algumas sessões de psicoterapia individual que antecederam este dia de supervisão, Sofia chorou muito, verbalizava ainda gostar de Pedro e questionava não compreender o motivo que a levava permanecer interessada por ele. Sofia falou a seguinte frase: "Faz cinco anos que continuo gostando dele, não agüento mais". Eventualmente, Sofia e Pedro se encontravam às escondidas. Quando o casal viveu junto, Sofia se considerava a esposa de Pedro e depois da separação, aceitou ser sua amante por um período.

Com relação a seu pai, José, Sofia continuava sendo mal-tratada por

ele. Toda vez que Sofia ia visitá-lo, ele a destratava. Além de Sofia, Marcos e Flávia eram os filhos que mais visitavam José. Por sua vez, José não procurava os filhos. Os outros filhos estavam brigados com José e se afastaram dele. José não enxergava uma filha carente, meiga e batalhadora, como Sofia se sentia, mas uma interesseira que desejava sua morte. Depois que Joana, a mãe de Sofia, faleceu, José se tornou um homem amargo e ranco-roso. Segundo Sofia, seu pai acreditava que os filhos é que deveriam procurar o pai e não o contrário.

Quando o grupo terminou de escutar o relato do caso, todas demonstraram ter ficado sensibilizadas com a situação de maus-tratos psicológicos que a paciente estava sofrendo. Mais uma vez, o grupo ouvia a mesma história. O relato de uma jovem adulta que não conseguia se livrar do ex-companheiro e dos maus-tratos de seu pai. É como se aquele disco tocasse sempre a mesma música. Naquele momento, o grupo se mostrou pensativo. Em seguida, cada integrante do grupo verbalizou seus sentimentos e então, começamos a trocar idéias e opiniões que brotavam acerca do caso. Era notável que elementos significativos estavam surgindo para se pensar em condutas terapêuticas mais eficientes.

Logo, a supervisora do grupo referiu ter tido uma idéia. Levar para Sofia, no próximo encontro, o registro das idéias que surgiram durante um diálogo reflexivo do grupo de supervisão de atendimento individual. A intenção da supervisora do grupo era adaptar a técnica de Equipe Reflexiva a um contexto de psicoterapia individual. Os comentários foram registrados em uma folha de papel de forma literal. As verbalizações anotadas foram as seguintes: "O teu caso, Sofia, foi levado para uma equipe reflexiva (explicamos à Sofia o que era 'equipe reflexiva')." "Romper com o Pedro é parecido com romper com José." "A doença de José é jogada em Sofia de forma diferente do que em Flávia." "Sofia é a única pessoa que agüenta os maus-tratos de Pedro e de José." "Convidar Flávia para vir a uma sessão de psicoterapia individual para compreender melhor a figura de seu pai." "Se liberar para perdoar José ou para sentir ódio dele. É aceitável e compreensível odiar um pai com essas atitudes de maus-tratos".

Depois das anotações, combinamos com o grupo de supervisão que contaríamos no próximo encontro sobre os resultados do uso da técnica de equipe reflexiva. E, também, combinamos de contar como foram as reações de Sofia frente aos comentários tecidos.

Relato da sessão e uso da equipe reflexiva de Tom Andersen

No dia 2 de abril de 2004, realizou-se uma sessão extra de psicoterapia

individual a pedido de Sofia. O tema sobre a relação turbulenta entre Sofia e José emergiu nos cinco minutos finais da última sessão (30/03/2004). Neste último encontro, Sofia estava com a expressão do rosto bastante abatida e havia chorado muito. Também expressou o medo de ser demitida no final daquela semana. Por estas razões, Sofia solicitou um encontro extraordinário. Pensamos sobre o pedido de Sofia e aceitamos atendê-la. Aquele encontro era pertinente e necessário para o trabalho terapêutico que estávamos desenvolvendo. Sofia demonstrava nas sessões de psicoterapia individual ter muita dificuldade de expressar seus sentimentos por José e de emitir qualquer comentário sobre ele. Também demonstrava não ter vontade de falar de sua família ou de contar qualquer história de seu passado. De sua mãe não conseguia dizer nada, nenhuma palavra, apenas chorava. Acreditávamos que algo estava se movendo dentro de Sofia, era como se estivesse chegando o momento propício para Sofia se conectar com ela mesma e descobrir o que realmente sentia e pensava de sua família. A sensação que Sofia nos transmitia era como se dentro dela existisse um “buraco negro”, um vazio infinito.

Quando Sofia chegou à sessão de psicoterapia, ela estava com os olhos inchados de tanto chorar. Sofia havia sido demitida no dia anterior. Contou que havia chorado a noite toda. Mesmo sabendo da real possibilidade de ser demitida, foi um choque para Sofia receber aquela notícia. Sofia percebeu que foi difícil para sua chefe demiti-la, pois se davam muito bem. O motivo da demissão foi contenção de despesas.

Sofia contou que alguns de seus colegas se emocionaram ao vê-la indo embora. Apesar daquele momento de tristeza, Sofia comentou ter percebido o quanto era querida por seus colegas de trabalho. Na noite da demissão, Sofia recebeu telefonemas de seus colegas em solidariedade ao que havia ocorrido. Sofia verbalizou precisar urgentemente de outro trabalho, pois era necessário para sua sobrevivência. Sofia era independente financeiramente e não recebia ajuda de ninguém. Disse que iria se manter com o dinheiro da rescisão e que iria buscar um novo emprego.

Apesar da tristeza que Sofia estava sentindo, ela propôs que falássemos de seu pai. Dissemos a ela que seu caso havia sido levado para uma equipe reflexiva. Explicamos a ela que uma equipe reflexiva era uma conversa informal sobre um determinado caso clínico entre os membros do grupo de supervisão de atendimento individual a que nós pertencíamos. O grupo de supervisão de atendimento individual era fixo, todas conheciam Sofia através de outros relatos. O grupo solicitou que nós trouxéssemos estas anotações com falas de cada integrante do grupo (mostramos a folha para ela) para que pudséssemos refletir sobre o que ela iria ouvir. Também dissemos a ela que o

grupo era composto por profissionais do DOMUS.

Após a explicação sobre o que era uma equipe reflexiva, Sofia verbalizou a seguinte expressão: "Que legal!". Então, lemos a ela os comentários que cada membro do grupo verbalizou na supervisão de atendimento individual que ocorreu no dia 31 de março de 2004.

As frases lidas para Sofia foram as mesmas citadas anteriormente: "O teu caso, Sofia, foi levado para uma equipe reflexiva." "Romper com o Pedro é parecido com romper com José." "A doença de José é jogada em Sofia de forma diferente do que em Flávia." "Sofia é a única pessoa que agüenta os maus-tratos de Pedro e de José." "Convidar Flávia para vir a uma sessão de psicoterapia individual para compreender melhor a figura de seu pai." "Se liberar para perdoar José ou para sentir ódio dele. É aceitável e compreensível odiar um pai com essas atitudes de maus-tratos."

Depois da leitura das seis frases, foi notável como Sofia se emocionou. A paciente verbalizou a seguinte frase: "Nunca fui tão valorizada em minha vida, ainda mais, por pessoas que nem conheço". Após termos lido as anotações, realizamos a seguinte pergunta para Sofia: "Qual (is) frase (es) lida (as), mais chamou a tua atenção?". Sofia respondeu: "Gostei mais do que falaram com relação ao Pedro e ao meu pai, que romper com um é parecido com romper com o outro". Sofia também comentou ter gostado da idéia de convidar Flávia para conversarem sobre José. Sofia disse ter decidido não visitar mais seu pai e tão pouco telefonará para ele. Ela comentou: "Para quê ir até lá, para ser maltratada?".

Aproveitamos para aprofundar um pouco mais nosso diálogo sobre seu relacionamento com seu pai. Falamos que José demonstrou ter dificuldade de ajustar mais uma mudança em sua vida. Sofia saiu da posição de "boa filha", aquela que aceitava qualquer coisa ou qualquer tipo de maus-tratos e se transformou em alguém que possui clareza de seus atos e conseqüências. Segundo Sofia, José vem se mostrando ser um homem rancoroso e inflexível. Este jeito de José se relacionar com os filhos é justificado por Sofia, como uma mudança dura na rota de sua vida, a perda precoce de Joana. A saída de Sofia de casa para ir morar com o irmão foi outra mudança difícil para José aceitar. Após a morte de Joana, José passou a ter que se preocupar e se dedicar aos filhos como não era de costume. Além do cuidado com os outros filhos, Márcia, que tinha retardo mental, precisou de cuidados especiais. Eram muitas mudanças para José suportar. Conversamos sobre Sofia liberar seus sentimentos por este pai ou para odiá-lo ou para perdoá-lo por tudo o que fez. Também, falamos de quando Sofia era criança.

Após a morte de sua mãe, Sofia foi "guindada" ao subsistema parental. Oscilava com freqüência do primeiro para o segundo lugar. Era a companhei-

ra de seu pai quando realizava os afazeres domésticos e quando cuidava de Márcia. Ao mesmo tempo, Sofia era devolvida para o lugar de filha quando seu pai chegava em casa do trabalho, permitindo assim, que ela fosse brincar com os vizinhos. Sofia aprendeu precocemente o que era ser uma “quebra-galho” (estar freqüentemente disponível para ajudar o outro). Quando José decidiu casar com Alba, Sofia reviveu novamente a perda do primeiro lugar. A posição que ocupou por muitos anos, de ser a companheira de seu pai.

E finalmente, conversamos sobre a posição que Sofia ocupava em seus relacionamentos amorosos. Sofia sempre demonstrou através de seu discurso o desejo de casar e de constituir uma família. Muitas vezes verbalizou que gostaria de ter sido mais bem tratada por Pedro, mas Sofia se contentou em receber o que ele tinha para oferecer. Da posição de esposa, Sofia passou a ser sua amante. Novamente, reviveu a sensação de ter perdido o primeiro lugar e ter que se contentar com a segunda colocação. Além de falar de Pedro, também comentamos dos outros rapazes que Sofia se envolveu ao longo destes cinco anos. Nenhum relacionamento de Sofia “vingou”. Alguns destes rapazes tinham namoradas e outros tinham saído havia pouco tempo de relacionamentos duradouros. Era como se Sofia sempre buscasse ter relacionamentos fadados ao fracasso. Falamos, também, sobre a dificuldade que Sofia apresentava de lutar por suas vontades e direitos nos relacionamentos amorosos que viveu e de avaliar a qualidade de amor que gostaria de receber.

Todos os temas que surgiram a partir da leitura das idéias da equipe reflexiva foram trabalhados nesta sessão de uma forma geral. E, por muitas sessões de psicoterapia individual, tivemos a oportunidade de aprofundar os temas emergidos nesta sessão e, também, de desconstruir e reconstruir as histórias narradas por Sofia.

Evidenciamos que o uso da técnica de equipe reflexiva proporcionou resultados terapêuticos a médio e em longo prazo na prática clínica com Sofia. Segundo Minuchin (1983), a boa técnica é aquela que tem utilidade no contexto terapêutico em questão. O objetivo de uma técnica é criar contextos propícios para a mudança. Antes do uso da técnica de equipe reflexiva, Sofia apenas chorava e falava muito pouco de seu relacionamento com seu pai, com seus irmãos e da morte de sua mãe. Era como se Sofia estivesse “paralisada” para dialogar qualquer assunto referente a sua família. Após o uso da técnica, percebemos que Sofia foi pouco a pouco se liberando de suas próprias amarras a cada nova sessão. É como se a técnica tivesse precipitado mudanças de significado no mundo interno de Sofia, proporcionando recordações e o contar de suas próprias histórias. Além disso, as

mudanças também foram percebidas no espaço terapêutico e no vínculo com a paciente. A sensação que tínhamos era que Sofia estava preenchendo com novos significados aquele “buraco negro”. Ela estava reconstruindo uma nova narrativa.

Ao terminar a sessão de psicoterapia individual, a paciente demonstrou ter ficado interessada e satisfeita com o contexto da técnica de equipe reflexiva e com a co-construção de um espaço terapêutico diferente do usual. Ao mesmo tempo, Sofia verbalizou ter ficado surpresa e contente com o interesse que outros profissionais demonstraram ter por sua própria história. Um dos propósitos que a técnica de equipe reflexiva alcançou foi o de estabelecer uma relação indireta da paciente com o grupo de supervisão individual, onde nós executamos o papel de mensageira. Após o uso da técnica de equipe reflexiva, o grupo de supervisão de atendimento individual foi acompanhando de perto as mudanças em Sofia.

Discussão

1. É possível realizar a terapia sistêmica frente a um caso individual?

Weber e Simon (1989) defendem a possibilidade de se trabalhar sistemicamente com um único indivíduo, sem a presença dos demais membros deste sistema. O interesse do terapeuta sistêmico individual não deve centrar-se na dinâmica intrapsíquica do paciente e sim nos padrões relacionais do sistema em que este se encontra inserido. O comportamento problemático é trabalhado como parte de um ciclo de interações. E, através de perguntas, inserimos os demais membros da família na sessão do paciente de atendimento individual.

Na prática da terapia sistêmica individual é relevante o uso do questionamento circular. Palazzoli, Boscolo, Cecchin & Prata (1998), referem que as perguntas circulares são questionamentos que estabelecem distinções dentro de um dado contexto de interação, privilegiando as maneiras particulares de cada participante, presente ou virtual, pontuar uma dada situação. O trabalho de Palazzoli et al. (1998) nos mostrou o uso das perguntas circulares no contexto de terapia familiar, sendo pouco explorado no atendimento individual. Neste caso, a desvantagem de trazer um único membro de um sistema de relações pode ser compensada trazendo os ausentes à sessão de psicoterapia individual por meio de perguntas circulares, como por exemplo: “O que diria seu pai se perguntássemos se isto é um problema?” Ou “quem estaria de acordo sua irmã?”.

Para Aun, Esteves de Vasconcelos & Coelho (2005), o “mal estar” de um indivíduo se encontra nas suas relações familiares. E os recursos para a

solução deste problema advêm desses mesmos relacionamentos. Assim sendo, Aun et al. (2005) discorda de Weber e Simon (1989) referindo ser impossível realizar a prática de terapia sistêmica individual. Para elas, o terapeuta que trabalha com o paciente individual não faz parte do sistema de mudanças, pois as partes envolvidas no processo estão ausentes. A construção do sistema terapêutico se desintegra quando a terapia chega ao final.

Em nossa prática clínica, evidenciamos que foi possível utilizar os recursos da terapia sistêmica em um contexto de terapia individual. Nossa intenção não foi a de reviver a velha polaridade entre terapia familiar e terapia individual, simplesmente tentamos demonstrar como os métodos sistêmicos podem ser aplicados com proveito em vários outros contextos.

Concordamos com Weber e Simon (1989), ao referirem que é possível, sim, fazer terapia individual sistêmica. Nem todos os membros envolvidos no problema apresentam igual relevância para a manutenção do mesmo. No caso de Sofia, vimos que sua dificuldade em conversar sobre sua família e se desligar de Pedro estava diretamente relacionada com a dificuldade no vínculo entre ela e seu pai e com a morte precoce de sua mãe. Outro aspecto a ser considerado foram as relações de proximidade e de afastamento que Sofia estabeleceu com cada irmão de forma diferente.

Muitas vezes, o terapeuta se torna tão importante para o paciente, assemelhando-se aos próprios familiares. Por esta razão, discordamos de Aun et al. (2005), ao mencionar que o terapeuta individual não faz parte do sistema de mudança do paciente. Acreditamos que o terapeuta participa ativamente da mudança do paciente, co-construindo junto a ele novos significados e reescrevendo a experiência vivida a partir de novos marcos de sentido. Nossa intenção não foi colocar o poder de transformação nas mãos do terapeuta, mas, sim, mostrar o contrário. Através das considerações teóricas de Grandesso (1994), constatamos em nossa prática clínica que Sofia foi e sempre será a protagonista de suas próprias histórias, ela desconstruiu e reconstruiu suas narrativas, tendo o terapeuta como testemunha de seus fatos.

2. O uso de técnicas próprias da terapia familiar sistêmica pode ser utilizada em psicoterapia individual?

Na Noruega em 1974, Tom Andersen, em parceria com seus colegas de trabalho, desenvolveu um procedimento terapêutico baseado nos pressupostos da abordagem sistêmica com características bastante peculiares. A técnica desenvolvida foi denominada de equipe reflexiva. Na prática clínica de Andersen (1996) se observou o uso da técnica de equipe reflexiva habitualmente em sessões de terapia familiar sistêmica. A técnica consiste em

oferecer para as famílias que se encontram em atendimento, uma reflexão da equipe terapêutica acerca da conversação que estava ocorrendo entre o terapeuta e a família. Os observadores atrás do espelho unidirecional participam de forma ativa e integrada do processo terapêutico. Apresentam uma postura menos hierárquica e mais lateral, coerente com uma postura mais construtivista. Sem qualquer intenção conclusiva, diagnóstica ou pedagógica, os membros da equipe discutem suas idéias, impressões e comentários autorreferenciais enquanto terapeuta e família os escutam. Em um segundo momento, a família e o terapeuta conversam sobre as especulações da equipe.

O ato criador de Andersen (1996) sustentou nossa ousadia para utilizarmos uma técnica comumente aplicada na terapia familiar em um contexto de terapia individual. Nossa criatividade em utilizar uma técnica de terapia familiar em um contexto diverso do usual, foi fortemente influenciada pelo trabalho de Johannesen, Rieber & Trana (2000) sobre o teatro de fantoches reflexivo. As autoras adaptaram a técnica de Andersen (1996) em um teatro de fantoches para se aproximar e estimular a comunicação das crianças nas sessões de terapia familiar sistêmica.

Em nossa prática clínica, constatamos resultados efetivos do uso da equipe reflexiva, como técnica própria da terapia familiar sistêmica, na terapia individual com Sofia. Através do exercício da transparência e da colaboração do grupo de supervisão de atendimento individual, favorecemos a criação de novos significados para Sofia e para a terapeuta, a partir da bagagem narrativa anterior. Compreendemos que este contexto pode ser gerador, se considerarmos que a mudança pode ser definida como o desenvolvimento de novos significados por meio do diálogo. As co-construções no mundo interno de Sofia, no espaço terapêutico e no vínculo foram percebidas a médio e longo prazo.

Com relação à equipe reflexiva, Andersen (1996) conta com duas condições especiais de diálogo, são elas: o diálogo interno e o diálogo externo. O diálogo interno ocorre quando a família e o terapeuta estão escutando atentamente as contribuições da equipe. E o diálogo externo refere-se à conversação da equipe reflexiva enquanto está sendo observada pela família e pelo terapeuta. No caso de Sofia, ao ouvir as idéias do grupo de supervisão individual, constatamos o que Andersen (1996), em sua técnica, define como reflexivo. Tanto a equipe reflexiva quanto o sistema terapeuta-família, ao inverterem suas posições, experimentam estas duas condições de diálogo. Por este motivo, a técnica pós-moderna de Andersen (1996) foi calcada na horizontalidade das posições, optando por uma postura menos hierárquica.

Segundo Andersen (in Bateson, 1972, 1978, 1979) a unidade elementar da informação é uma diferença que faz diferença. O verbo fazer na última

frase induz à idéia de que a diferença feita é decorrente da diferença ao longo do tempo. Bateson refere que a diferença que ocorre ao longo do tempo é uma mudança. Esta famosa frase de Bateson nos remeteu a pensar que o uso de uma técnica elaborada para se trabalhar com famílias pode ser adaptada e utilizada com sucesso em um atendimento de psicoterapia individual. E a mudança que ocorreu ao longo do tempo foi notada na co-construção de novos significados para Sofia, na relação terapêutica e na qualidade do vínculo terapeuta-paciente.

3. O grupo de supervisão individual pode ter a mesma eficácia que a equipe reflexiva de Tom Andersen?

Comparando o grupo de supervisão de atendimento individual com a equipe reflexiva de Tom Andersen, evidenciamos algumas semelhanças e diferenças entre ambos. A equipe reflexiva não instrui o terapeuta como entrevistar ou conduzir a sessão de terapia familiar. A mesma autonomia é observada no papel do terapeuta individual e na relação que este estabeleceu com o seu supervisor. O diálogo da equipe reflexiva é externo, ocorrendo apenas entre os membros da equipe, sem a presença do terapeuta. No grupo de supervisão, a dinâmica é parecida. O diálogo entre os membros do grupo de supervisão, também é externo, porém o terapeuta participa ativamente da discussão do caso. Observou-se que na equipe reflexiva o diálogo interno ocorre sem o terapeuta ter tido qualquer contato prévio com a equipe. Na sessão em que foi aplicada a técnica de equipe reflexiva notamos uma diferença. No diálogo interno do atendimento individual de Sofia, a terapeuta já havia tido um contato anterior com o grupo de supervisão individual, misturando conteúdos do diálogo externo com o interno. Mesmo assim, Sofia experimentou o fenômeno que Andersen (1996) denomina de reflexivo, quando escutou as reflexões do grupo de supervisão sobre sua própria história de vida. Podendo ela mesma refletir sobre suas próprias narrativas.

A partir de nossa experiência, constatou-se que as dinâmicas da equipe reflexiva e do grupo de supervisão possuem semelhanças e que, dependendo do contexto, podem até se equivaler. A grande diferença entre ambos os grupos é que na equipe reflexiva, as idéias são tecidas ao vivo. Enquanto as reflexões do grupo de supervisão foram lidas para Sofia, ou seja, o grupo se fez presente através da leitura de suas reflexões, estando ausente. O impacto da informação é muito maior em quem está vendo e ouvindo simultaneamente do que em alguém que está apenas ouvindo. Mesmo diante destas diferenças, não podemos deixar de comentar os efeitos positivos que o grupo de supervisão proporcionou para Sofia. No trabalho de Tom Andersen, a equipe terapêutica apresenta uma postura menos hierárquica e mais late-

ral diferente do trabalho de Peggy Papp (1992), por exemplo, no qual a equipe detém o saber. No trabalho de Peggy Papp (1992), o objetivo da equipe terapêutica, através das intervenções paradoxais, é sempre vencer o sistema terapeuta-família. Portanto, a relação que se estabeleceu de forma indireta entre o grupo de supervisão individual e a paciente, foi da maior relevância para co-construção de novos significados no contexto da psicoterapia individual.

De acordo com Haley (1998), a supervisão não trata somente do ensino das técnicas de terapia, mas também da apreciação e compreensão dos trágicos dilemas humanos. Além disso, faz parte da tarefa do supervisor ajudar o terapeuta em formação a superar aqueles problemas pessoais que interferem na sua capacidade de conduzir, com eficiência, a terapia. Os terapeutas em formação podem ser ensinados a se tornarem exímios na ajuda aos clientes e, ao mesmo tempo, precisam se mostrar sensíveis e humanos.

Segundo Haley (1998), estamos vivendo um momento de mudanças na história da terapia familiar sistêmica, um período sem ortodoxia. Ele refere que não há um único caminho para se fazer terapia e sim diversos caminhos. Além do mais, ele incentiva o terapeuta em formação a criar novas técnicas ou a adaptar técnicas antigas aos casos que estão em atendimento. Outro aspecto importante para incitar a criatividade do terapeuta e para alimentar a motivação de fazer cada vez melhor pelos pacientes é a qualidade do vínculo entre supervisor e terapeuta. Andolfi (1994) e Haley (1998) compartilham a mesma idéia. Para eles, a qualidade da relação que se estabelece entre supervisor e o terapeuta é proporcional à fluidez da relação que existe entre o terapeuta e o paciente.

Comprovamos as idéias de Andolfi (1994) e Haley (1998) sobre a qualidade do relacionamento entre supervisor e terapeuta, através do interesse que o grupo de supervisão demonstrou pelo caso de Sofia. O interesse do grupo foi observado na escuta atenta do relato do caso e na sugestão de adaptar uma técnica familiar a um contexto de terapia individual.

“Só podemos dar uma colaboração útil se a conversa instigar a nossa curiosidade. Como tudo o mais na vida, a curiosidade é uma colaboradora da maior importância para a evolução (Andersen, 1996, p. 54)”.

Esta citação de Andersen (1996) nos remeteu a pensar que a curiosidade que o grupo de supervisão demonstrou ter tido pela história de Sofia foi mais um fator que contribuiu para a retomada do andamento da terapia. Em um dado momento da terapia com Sofia, ficou constatado que o processo terapêutico paralisou. A paralisia dos sistemas foi uma das idéias que contribuíram para a criação da equipe reflexiva de Andersen (1996). No momento

em que o grupo de supervisão ouviu novamente a mesma história de maus-tratos que Sofia estava sofrendo, percebemos que o caso estava paralisado. As reflexões enviadas para Sofia somadas à curiosidade do grupo de supervisão, foram de extrema relevância para por em movimento o processo terapêutico que se encontrava paralisado.

Considerações finais

Na década de 50, com o desenvolvimento da terapia sistêmica, a ortodoxia perdeu espaço, abrindo caminhos para um grande número de abordagens terapêuticas. Sem ortodoxia não há um único caminho para se fazer terapia, mas outros muitos caminhos. Acreditamos que este momento de mudanças ainda perdura na história da terapia sistêmica. Nossa intenção neste trabalho foi a de contribuir para este trânsito de informações que marca o presente período.

O presente trabalho objetivou demonstrar como os métodos sistêmicos podem ser aproveitados em contextos diversos do usual. Segundo a abordagem sistêmica, o “mal-estar” que acomete os indivíduos está nas intra-relações e inter-relações do sistema em que o paciente se encontra inserido. Nem todos os membros de um determinado sistema apresentam igual relevância para a manutenção do problema identificado. O questionamento circular é uma técnica que demarca um período de grandes mudanças paradigmáticas na história da terapia sistêmica. O foco do questionamento circular está nas relações que o indivíduo estabelece com o seu meio e não em seu mundo intrapsíquico. Através do relato de experiência, citado anteriormente, evidenciamos que foi possível realizar terapia sistêmica individual.

Outro aspecto a ser salientado no trabalho foi a boa relação entre a terapeuta, o grupo e a supervisora do grupo de atendimento individual. Como já foi dito antes por Andolfi (1994) e Haley (1998), a qualidade da relação que se estabelece entre supervisor e terapeuta é proporcional à fluidez da relação que existe entre o terapeuta e o paciente. A criatividade foi outra grande aliada na adaptação e no uso da equipe reflexiva de Tom Andersen em um atendimento de psicoterapia individual.

O trabalho em equipe ocupou um espaço significativo no uso da técnica de Tom Andersen. No trabalho de Tom Andersen, a equipe terapêutica apresentou uma postura menos hierárquica e mais lateral, diferente do trabalho de Peggy Papp (1992) já citado. Apesar das diferenças entre o grupo de supervisão individual e da equipe reflexiva, a efetiva participação de cada um na técnica proposta foi da maior relevância. Percebeu-se que a relação indireta que se estabeleceu entre o grupo de supervisão individual e a paciente

colaborou de forma importantíssima para a co-construção de novos significados no contexto da psicoterapia individual.

O desenvolvimento de novos significados para a paciente ocorreu por meio do diálogo terapêutico. A terapia como prática narrativa sustentou nossas idéias com relação ao poder que a paciente demonstrou ter tido para desconstruir e reconstruir novos significados em seu mundo interno, sendo ela mesma a protagonista de suas próprias histórias e o terapeuta apenas uma testemunha desses fatos.

Constatamos que a famosa frase de Bateson, que a diferença faz a diferença, contribuiu significativamente para o nosso trabalho. O uso de uma técnica para se trabalhar com famílias foi adaptada e utilizada com sucesso em um atendimento de psicoterapia individual. A outra parte da frase de Bateson é que a diferença que ocorreu ao longo do tempo é uma mudança. Além da co-construção de novos significados no mundo interno de Sofia, também evidenciamos mudanças na relação terapêutica e na qualidade do vínculo terapeuta-paciente.

Referências

- Alda, Inmaculada Ochoa de (1995). *Enfoques em terapia familiar sistêmica*. Barcelona: Editorial Herder.
- Andersen, Tom (1996). *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS.
- Andolfi, M. (1994). *Terapia familiar*. México: Editorial Paidós.
- Aun, Juliana G., Esteves de Vasconcelos, M. José & Coelho, Sônia V. (2005). *Atendimento sistêmico de família e redes sociais*. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa.
- Grandesso, M. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Haley, J. (1998). *Aprendendo e ensinando terapia*. Porto Alegre: Artmed.
- Johannesen, T. L., Rieber & H., Trana, H. (1999). O teatro de fantoches reflexivo. *Nova Perspectiva Sistêmica*, VIII(15), dez., 46-60.
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1983). *Técnicas de terapia familiar*. Barcelona: Paidós.
- Palazzoli, M. Selvini, Boscolo, L., Cecchin, G & Prata, G. (1980). Hypothesizing – circularity - neutrality: three guidelines for the conductor of the session. *Family Process*, 19(1), mar., 3-12.
- Papp, Peggy (1992). *O processo de mudança: uma abordagem prática à terapia sistêmica de família*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Weber, G. & Simon, F. (1989). Terapia individual sistêmica. *Sistemas Familiares*, 5(3), dez., 72-88.

Endereço para correspondência

anavidal1077@hotmail.com.br

Recebido em: 22/08/2006

Aceito em: 14/09/2006